

Abençoado e danado do samba - O discurso da pessoa, das hierarquias, do contexto, da religiosidade, do senso comum, da oralidade e da folia, São Paulo, Edusp, 2013, no prelo.

Capítulo de Introdução (páginas 7 a 14) do livro

Relativo à tese defendida em 2004 no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras. Orientadora: Prof^a Dr^a Aurora Fornoni Bernardini.

(confira no site, entre outros, o artigo “Letras de samba, modelos de consciência e discursos populares” que aborda assuntos tratados no livro)

Introdução

A proposta deste trabalho é tentar identificar, caracterizar e compreender, mesmo que parcialmente, algo que embora bastante diversificado poderia ser sintetizado pela noção de “discurso popular”. Mas, o que vem a ser isso? Peço ao leitor que compare dois textos. São letras de canções consideradas populares que, entre outros assuntos, mencionam, de forma indireta, a família. A primeira é o samba “Casa de Bamba”, de Martinho da Vila:

*Na minha casa todo mundo é
bamba Todo mundo bebe, todo
mundo samba Na minha casa
todo mundo é bamba Todo
mundo bebe, todo mundo samba*

*Na minha casa não tem bola pra vizinha
Não se fala do alheio, nem se liga pra Candinha
Na minha casa não tem bola pra vizinha
Não se fala do alheio, nem se liga pra Candinha*

Na minha casa ninguém liga pra

*intriga Todo mundo xinga, todo
mundo briga Na minha casa
ninguém liga pra intriga Todo
mundo xinga, todo mundo briga*

*Macumba lá na minha casa
Tem galinha preta, azeite de dendê
Mas ladainha lá na minha casa
Tem reza bonitinha e canjiquinha pra comer
Mas ladainha lá na minha casa
Tem reza bonitinha e canjiquinha pra comer
Se tem alguém aflito
Todo mundo chora, todo mundo sofre
Mas logo reza pra São Benedito
Pra Nossa Senhora e pra Santo Onofre
Mas se tem alguém cantando
Todo mundo canta, todo mundo
dança Todo mundo samba e
ninguém se cansa Pois minha
casa é casa de bamba
Pois minha casa é casa de bamba etc.¹*

Vejam agora a letra de “Panis et Circensis”, de Gilberto Gil e Caetano

Veloso:

*Eu quis cantar
Minha canção iluminada de sol
Soltei os panos sobre os mastros no ar
Soltei os tigres e os leões nos quintais
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e em morrer

Mandei fazer*

*De puro aço luminoso um punhal
Para matar o meu amor e matei
Às cinco horas na avenida central
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e em morrer*

*Mandei plantar
Folhas de sonho no jardim do solar
As folhas sabem procurar
pelo sol E as raízes
procurar, procurar Mas as
pessoas na sala de jantar
Essas pessoas na sala de
jantar São as pessoas na
sala de jantar Mas as
pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e em morrer etc.²*

Creio que seria um consenso considerar que a letra do samba de Martinho da Vila tem mais chances de ser identificada com qualquer coisa que possa ser chamada de “discurso popular” do que “Panis et Circenses” de Gil e Caetano. Por que isso acontece?

Responder a essa indagação talvez seja menos simples do que possa parecer à primeira vista.

O trabalho que o leitor tem em mãos representa uma tentativa de contribuir para a construção dessa resposta.

¹. Martinho da Vila, Os Grandes Sambas da História, vol. 29, BMG Brasil, 1997, gravado em 1970.

Vários estudos estrangeiros que se debruçaram e têm se debruçado sobre a

questão das sociedades tradicionais, das culturas populares ou das formas literárias populares, costumam supor a existência de hábitos mentais, estruturas de personalidade, valores e costumes sociais que teriam existido muito tempo atrás, por exemplo, durante a Idade Média. Ou então falam em padrões que ainda sobrevivem nos dias de hoje, mas de forma precária, seja nas cidades como simulacros de uma moribunda “cultura popular”, seja em pequenos e raros povoamentos distantes de tudo e de todos. Costumam ser considerados manifestações culturais decadentes, por vezes chamadas “folclóricas”, atrasadas, paradas no tempo e em vias de desaparecimento.

A partir da reconstituição histórica de modos de viver arcaicos, inexistentes nos dias de hoje, ou do exame de simulacros, “artesanatos populares” industrializados, ou ainda de casos raros e extemporâneos, sobrevivências e ruínas de antigos costumes tradicionais, esses estudos procuram reunir elementos tendo em vista, quase sempre, compreender melhor aspectos da chamada sociedade ocidental, moderna e contemporânea.

A consistência inegável de alguns desses trabalhos pode, porém, levar o pesquisador brasileiro a também encarar o assunto com igual distanciamento.

Ocorre que vivemos neste, e não em outro contexto, e a noção de “popular” pode variar, e varia, de contexto para contexto.

Falar em “popular” ou “cultura popular” costuma, por exemplo, remeter, mesmo que de maneira indireta, à constatação da existência de diferentes classes sociais.

No âmbito do chamado “primeiro mundo”, o conceito de “classe média” tende a pressupor a maioria da população de determinado país ou a camada social situada entre “pobres” e “ricos”. Infere-se dessa situação uma pequena classe “alta” e uma pequena classe “baixa” nos extremos de uma extensa e predominante classe “média”.

Assim, é sempre possível imaginar uma razoável sintonia entre o estilo de vida dessa camada social intermediária e predominante e a média dos estilos de vida, dos valores, do imaginário, das crenças, do comportamento moral, das tendências e dos costumes, configurando-se, portanto, uma espécie de éthos médio nacional. Tudo isso fatalmente vai resultar numa visão não só do que seja a “classe média” como também do que seja o “popular”.

Tal situação simplesmente não existe se levarmos em conta a sociedade brasileira.

Ao contrário dos países considerados desenvolvidos – nossos useiros e vezeiros modelos e referências paradigmáticas – a imensa maioria da população brasileira, o contingente de pessoas que representa a “média” dos estilos de vida, pertence ou está profundamente vinculada às classes pobres e proletárias inseridas numa diversificada e heterogênea cultura popular, afastada das escolas e desassistida do Estado. Embora represente a grande maioria da população, essa massa de pessoas, longe de estar situada abstratamente entre pobres e ricos, vive uma luta brava para preservar sua identidade fragmentada e sua cultura espontânea em um mundo planejado, controlado e padronizado; para manter seus valores e seu estilo de vida, profundamente enraizados no conhecimento prático, nas relações comunitárias e familiares e na religiosidade, num modelo cultural que valoriza o individualismo, o pensamento crítico e a técnica; para conservar seus padrões culturais, éticos e estéticos em um mundo de intensa exclusão social que determina monologicamente e hegemonicamente um único ponto de vista cultural.

A noção de “classe média” em nosso país implica, em outras palavras, uma contradição. Pode significar a população “intermediária” do ponto de vista estatístico e econômico, mas “alta” do ponto de vista do estilo de vida, afinal ela corresponde a uma parcela pequena da população. Mas pode significar também, de forma não convencional, a camada da população proletária, portanto economicamente “baixa”, que, por corresponder a cerca de 80% da população, pode ser considerada “média” se levarmos em conta modos de consciência, valores comportamentais e estilos de vida.

Tento dizer que as camadas “baixas” e “subalternas” correspondem, em nosso país, ao estilo de vida, valores, costumes, imaginário, crenças e comportamento moral da grande maioria da população.

Tento dizer mais: a sociedade moderna e contemporânea brasileira – ao contrário do que ocorre no chamado “primeiro mundo” – é representada por poucas pessoas que, somadas, formam a “classe média” convencional e a “classe alta”.

Esse restrito e seleto conjunto de pessoas, entretanto, detêm o poder político, econômico e cultural, dita valores, regras e modas, controla os meios de comunicação, determina currículos escolares em todos os graus e, naturalmente, impõe seu discurso.

Por outro lado, o imenso contingente de pessoas que forma o proletariado (o termo é carregado ideologicamente, mas não encontrei outro), apesar de sua grande heterogeneidade, típica das culturas informais e espontâneas, morando ou não nas cidades, tendo mais, ou menos, acesso aos meios de comunicação, costuma apresentar alguns pontos em comum. Ressalto três: 1) sua extraordinária pobreza e as implicações decorrentes desse fato; 2) sua pouca ou nenhuma escolaridade; e 3) seu profundo enraizamento no universo representado pela cultura oral e tradicional que, note-se, não corresponde à cultura oficial, representação das classes média e alta, marcada pela cultura escrita.

Ocorre que essa significativa parcela da população, embora desprezada e socialmente quase sem voz, também tem seu discurso.

Em grandes linhas, se eu estiver certo, estamos portanto diante de dois discursos antagônicos e entrelaçados: um coeso e relativamente homogêneo, enraizado na cultura escrita, escolarizada, moderna e técnica – expressão da elite econômica – e outro fragmentado, diversificado e heterodoxo, enraizado nas culturas populares, orais e tradicionais – expressão da maioria quase absoluta da população.

Infelizmente, como disse Eric A. Havelock, “tornou-se moda nos países industrializados considerar as culturas não-letradas como não culturas”³. Advertia ele que uma cultura oral “merece ser considerada e estudada nos seus próprios termos”. E referindo-se à literatura marcada pela oralidade, acrescentava, ela “...escapará à nossa compreensão enquanto efetuarmos a sua crítica exclusivamente de acordo com as regras da composição letrada.”⁴

Excluído socialmente e, por essa razão, relativamente pouco estudado e ignorado pelas escolas desde o nível fundamental até o universitário, o discurso enraizado nas culturas populares e tradicionais apresenta características próprias. Mais que isso, apesar de sua origem humilde e subalterna, tem exercido nítida influência em todos os âmbitos da vida nacional. Basta examinar, por exemplo, o panorama das artes brasileiras. Refiro-me principalmente à literatura, artes plásticas, música, teatro e dança.

3. Eric Havelock. A. A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais. 1996, p.101.

4. Idem, p.190.

Meu estudo propõe e discute um conjunto de pressupostos, tendências e predominâncias do algo bastante poroso e multifacetado embora existente, o “discurso popular” corrente no Brasil. Este, por sua vez, estaria inserido numa assistemática, mas riquíssima e influente, “poética popular”.

“Poética” vista aqui como um sistema amplo cujo objetivo “não é a descrição da obra singular, a designação do seu sentido, mas sim o estabelecimento das leis gerais de que este texto particular é o produto”.⁵ Nas palavras de Tzvetan Todorov, ela “... não procura revelar o sentido mas visa o conhecimento das leis gerais que presidem ao aparecimento de cada obra. Mas, em oposição a ciências como a psicologia, a sociologia, etc., procura essas leis dentro da própria literatura. A poética é, pois, uma abordagem da literatura, ao mesmo tempo, „abstrata“ e „interna“”.⁶

Em suma, Todorov, entre outros, pensa no estudo da “literariedade”, algo intrínseco que determinaria a singularidade, o que seria inerente e característico da literatura.

Seria a noção de “literariedade” algo único e homogêneo, uma espécie de chave universal capaz de determinar o que é, ou não é, a literatura? Creio que não.

A páginas tantas, Todorov cita o poeta Paul Valéry que entendia a poética “segundo sua etimologia, isto é, como nome de tudo aquilo que diz respeito à criação ou à composição de obras cuja linguagem é ao mesmo tempo a substância e o meio...”⁷

Exatamente à qual “substância” e a que “meio” Valéry se referia?

Imagino a poética popular como um conjunto de princípios que possibilitem, primeiro, afirmar que tal discurso seja de fato predominantemente popular e, segundo, que seja capaz de determinar e reunir certas características, recursos e procedimentos recorrentes em sua linguagem.

5. Tzvetan Todorov, Poética. trad. Antonio José Massano, Teorema, 1986, p.10.

6. Idem, p.11.

7. apud Todorov, op.cit., p.12.

Parto da premissa de que o discurso popular e, num sentido mais amplo, a “poética popular” – assim como todos os discursos existentes, eruditos, modernos e outros – costuma ser construído por forças, substâncias, meios, premissas e valores próprios que, neste caso, precisam ser mais bem compreendidos.

Apesar de o tema ser amplo e de contornos indefinidos – na verdade, indefiníveis –, este estudo é menos pretensioso do que possa parecer à primeira vista. Trabalhei de forma indutiva: 1) por meio de estudos provenientes de diferentes áreas foi possível identificar um número consistente, embora longe de ser único ou absoluto, de traços característicos do “popular” e 2) a partir dos elementos encontrados, levantei hipóteses a respeito de algumas tendências discursivas gerais.

Compreender algo que, mesmo de modo parcial, possa ser descrito ou associado a um “discurso popular” ou que, de alguma forma, contribua para o estabelecimento de uma “poética popular” é algo do maior interesse. Pode, por exemplo, influir e ampliar a forma como hoje é abordada a literatura nas escolas de todos os níveis. Pode interessar a escritores, compositores, artistas e críticos que estejam buscando compreender os pressupostos e os elementos constitutivos de uma linguagem que pretende ser acessível, pública e compartilhável.

Dou um exemplo simples: conhecer os procedimentos com a linguagem utilizados e os temas abordados por compositores populares clássicos como Noel Rosa, Ismael Silva, Wilson Batista, Zé Kéti, Cartola, Nelson Cavaquinho ou Dorival Caymmi e compará-los com os de compositores também já clássicos como Antônio Carlos Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil pode ser uma extraordinária e prazerosa introdução à linguagem poética e à literatura de um modo geral.

Infelizmente, como sabemos, a escola atual, repito, desde o ensino fundamental ao superior, com raras exceções, desconhece, despreza, não está capacitada, não tem espaço e nem sabe como lidar ou como relacionar essas obras e essas vozes.

Fora isso, trazer os poetas da música popular ao âmbito escolar poderia representar, no âmbito escolar, uma introdução e uma consistente e rica imersão na cultura brasileira. Como por acaso vivemos no Brasil, isso faz algum sentido.

No plano do escritor, poeta ou letrista, a identificação de um conjunto de características e procedimentos recorrentes nos discursos populares evidentemente pode constituir um recurso de trabalho muito fecundo.

Meu estudo propõe que o samba ou, melhor dizendo, que as letras de samba, podem ser consideradas um autêntico depósito, arquivo ou arsenal, uma “enciclopédia” nas ricas palavras de Eric Havelock, de substratos, premissas, concepções, valores e procedimentos. Ou seja, um acervo de conhecimento diversificado e heterodoxo enraizado em determinado fundo cultural que implica, já anticipo, certo modelo de consciência, hábito mental ou estrutura de pensamento fundado, por sua vez, na vida coletiva, na oralidade e em certos padrões culturais, cognitivos, éticos e estéticos, não coincidentes com os padrões culturais, cognitivos, éticos e estéticos oficiais, escolarizados e hegemônicos.

Creio que, dentro do panorama da chamada música popular brasileira, o samba representa um acervo importante e mais ou menos acessível de recursos formais, procedimentos estéticos e temas humanos imprescindíveis e contemporâneos, que paradoxalmente, têm sido ignorados ou, como pretendo demonstrar, parecem escassear e, mesmo, desaparecer do discurso de parte relevante da moderna música popular.

Dividi o trabalho nos seguintes tópicos:

- a) Algumas questões e posicionamentos diante da noção controversa de “cultura popular” assim como certos problemas conexos (capítulo 1).
- b) A questão dos diferentes modelos de consciência (capítulo 2).
- c) Um breve balanço da história do samba e sua inserção na música popular brasileira (capítulo 3).
- d) A questão da oralidade e suas implicações e, portanto, seu reverso, a cultura escrita e suas implicações, tema fundamental no estudo (capítulo 4).
- e) A questão da valorização da família, das hierarquias e do contexto (capítulo 5).
- f) A questão da ética popular ou, mais precisamente, da chamada “moral ingênua” e seus vários temas, valores e contradições (capítulo 6);

g) A religiosidade popular e a questão do acervo representado pelo chamado “senso comum” (ainda no capítulo 6).

h) A apresentação de alguns procedimentos formais relativos à poesia marcada pela oralidade (capítulo 7);

i) O levantamento de inúmeros e importantes temas populares recorrentes (capítulo 8).

j) O capítulo conclusivo.

Para encerrar essa introdução, é preciso dizer que o estudo foi concebido tendo em vista dois grandes blocos.

O primeiro, correspondente aos capítulos de 1 a 6, tem como objetivo caracterizar e compreender o modelo de consciência popular e seu discurso. Esses capítulos são relativamente detalhados, pois constituem a base teórica do trabalho.

O segundo bloco, correspondente aos capítulos 7 e 8, foi construído a partir do estudo de um extenso acervo composto por letras de samba e trata de uma série de procedimentos de linguagem e de temas recorrentes.

Peço ao leitor que não se assuste com o volume do livro. Em boa parte ele se deve aos trechos das inúmeras letras de música citadas. Procurei fugir de abstrações e utilizar, na medida do possível, uma linguagem clara e acessível.

Antes de mais nada é preciso enfrentar a seguinte questão: se todo mundo, independentemente de classes sociais e graus de instrução, pertence ao povo, então, afinal de contas, que diabo significa falar em “cultura popular”?

Será o assunto do primeiro capítulo do livro.